

A EXPERIÊNCIA DE CRIAÇÃO DE UM REPOSITÓRIO DIGITAL COMO FONTE DE PESQUISA PARA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE BANANEIRAS

Vivian Galdino Andrade¹

lattes.cnpq.br/3377153865065674

Resumo: “Impressos pedagógicos, jornais e documentos escolares como fontes para a história da educação de Bananeiras durante as décadas de 1920-1950” é o título de um projeto PIBIC, desenvolvido entre os anos 2015 e 2016. Ele tinha como proposta coletar e digitalizar fontes documentais (jornais, revistas, documentos e demais impressos pedagógicos) que circularam na cidade de Bananeiras no período estudado. Este acervo digital foi colocado em um repositório digital – “História da Educação do município de Bananeiras / HEB” e está sob a guarda da Universidade Federal da Paraíba – Campus III. Foi para relatar o percurso de criação deste repositório e o processo de coleta das fontes que elaboramos este artigo. Acreditamos que a disponibilização destas fontes digitalizadas à comunidade acadêmica, como também aos demais sujeitos habitantes da cidade de Bananeiras, gere um estímulo ao conhecimento e a valorização da história do município. Aliar a História da Educação às novas tecnologias nos permite lançar mão de estratégias que possibilitem estabelecer um elo entre estas áreas do conhecimento, que aparentemente díspares, podem se comunicar na arte e na tarefa de fazer pesquisa.

Palavras-chave: Repositório digital; Fontes; História da Educação.

THE EXPERIENCE OF CREATION OF A DIGITAL REPOSITORY AS A SOURCE OF RESEARCH FOR HISTORY OF EDUCATION OF BANANEIRAS

Abstract: "Pedagogical forms, newspapers and school documents as sources for the history of Bananeiras education during the decades of 1920-1950" is the title of a PIBIC project, developed between the years 2015 and 2016. It was proposed to collect and digitize Documentary sources (newspapers, magazines, documents and other pedagogical forms) that circulated in the city of Bananeiras during the studied period. This digital collection was placed in a digital repository - "History of Education of the municipality of Bananeiras / HEB" and is under the custody of the Federal University of Paraíba - Campus III. It was to report the course of creation of this repository and the process of collecting the sources that elaborated this article. We believe that the

¹ Doutora em Educação. Docente da Universidade Federal da Paraíba (Brasil). Contato: vivetica@hotmail.com.

availability of these digitized sources to the academic community, as well as to the other subjects living in the city of Bananeiras, generate a stimulus to the knowledge and value of the history of the municipality. Allying the History of Education with new technologies allows us to use strategies that make it possible to establish a link between these seemingly disparate areas of knowledge that can communicate in the art and in the task of doing research.

Keywords: Digital repository; Sources; History of Education.

O projeto de pesquisa PIBIC, “Impressos pedagógicos, jornais e documentos escolares como fontes para a história da educação de Bananeiras durante as décadas de 1920-1950”, com vigência entre os anos de 2015 e 2016, tinha atividades voltadas a averiguar o que produziam/narravam os jornais (e demais impressos) a respeito da educação em Bananeiras², dentro do espaço temporal das décadas de 1920 a 1950. Nossos objetivos ainda envolviam desde a pesquisa destas fontes em museus, escolas, arquivos pessoais e institucionais à catalogação e separação em eixos temáticos. A ideia era a constituição de um arquivo digital, a partir da digitalização destas fontes, sob a guarda da Universidade Federal da Paraíba – Campus III.

Em nosso percurso de pesquisa nos deparamos com uma ausência significativa de documentos produzidos na cidade, tanto devido ao desaparecimento destas fontes dos acervos existentes no município, quanto pela falta de uma política de guarda e valorização destes documentos como fontes históricas³. Apesar da larga produção de impressos noticiosos em Bananeiras, listados abaixo a partir das informações trazidas por Silva (1997) em um de seus livros de Memórias, nenhum destes jornais constam em sua forma física na cidade.

² O município de Bananeiras está localizado na microrregião do Brejo paraibano. Sede do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros (CAVN), era uma das poucas cidades que até a década de 1920 possuía instituições federais.

³ O que foi encontrado em larga escala foram os documentos do Patronato Agrícola Vidal de Negreiros, atual Colégio Agrícola Vidal de Negreiros. Este acervo está localizado no Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias – CCHSA, organizado pelo trabalho voluntário de Manoel Luiz da Silva. Atualmente desenvolvemos nosso projeto de pesquisa sob a figura do Seu Manoel e de seus livros de Memória sobre a cidade de Bananeiras.

Quadro 1 – Jornais produzidos em Bananeiras.
Fonte: Quadro produzido pela autora a partir das informações existentes no livro de memória “Bananeiras: sua história, seus valores” (1997).

Jornais	Anos
<i>O Ensaio</i>	1896
<i>O Labor</i>	1897
<i>O Rebento</i>	1898
<i>O Lápis</i>	1901
<i>Cidade de Bananeiras</i>	Teve duas fases (1908 e 1940)
<i>O Pharol</i>	1909
<i>O Momento</i>	1934
<i>Vida Agrícola – Órgão do Colégio Agrícola</i>	1947
<i>A Verdade</i>	1955
<i>O Giro da Verdade</i>	1955
<i>O Oásis – Órgão das alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus</i>	1961
<i>O Renovador</i>	1964/1965

Diante desta ausência, resultado do desencontro com as fontes, decidimos ampliar nosso foco de coleta e retrazar nossos objetivos, fazendo um levantamento dos jornais e demais fontes sem um espaço temporal definido. Nosso trabalho foi então dimensionado em três movimentos: 1) o levantamento e digitalização de jornais e revistas que tematizassem a educação em Bananeiras e em municípios circunvizinhos; 2) a digitalização do arquivo escolar do primeiro grupo da cidade; e 3) a criação de um repositório digital para a disponibilização destes documentos. Neste contexto, acabamos ampliando nosso ângulo de visão e digitalizamos parte do arquivo do Grupo Escolar Xavier Júnior, o primeiro grupo fundado na cidade, em 1934, e que ainda se encontra em funcionamento.

O projeto de pesquisa foi renovado, agora com vigência entre os anos de 2016-2027. Nossa proposta atual está também em mapear a história da educação de Bananeiras por meio da oralidade, através dos depoimentos de Manuel Luiza da Silva, autor de diversos livros de memória sobre a cidade. Foi meio de seus livros que conseguimos também mapear as instituições escolares que já existiram no município, entre elas:

Quadro 2 – Mapeamento da criação das instituições escolares em Bananeiras.
Fonte: Quadro produzido a partir das informações existentes no livro de memória “Bananeiras: sua história, seus valores” (1997).

Escolas	Ano
Colégio do Dr. Luis de Sá Lima	1876
Curso de Português e Latim (dirigido pelo padre José Paulino Ferreira Grilo)	1877
Curso Preparatório do Dr. Trajano Américo de Caldas Brandão	1888
Colégio Borborema (dirigido por José Sizenando)	1896
Instituto Bananeirense	1906 - Bananeiras
Colégio Sagrado Coração de Jesus	1918 - Bananeiras
Patronato Agrícola Vidal de Negreiros	1924 – Bananeiras. Em 1931 foi denominado de Instituto Agrônômico. Em 1934 de Aprendizado Agrícola. Em 1947 de Escola Agrotécnica Vidal de Negreiros. E apenas em 1950 com seu atual nome Colégio Agrícola Vidal de Negreiros.
Grupo Escolar Xavier Júnior	1934 – Bananeiras. Ainda hoje existente na cidade, agora como Escola Estadual de Ensino Fundamental Xavier Júnior
Ginásio Alcides Bezerra	1950. Funcionou nas dependências do Grupo Escolar Xavier Júnior, tendo existido por apenas um ano.

Ginásio Estadual de Bananeiras	Fundado durante o governo de Pedro Gondim, em 1958.
--------------------------------	---

Diante deste quadro e das possibilidades de investigação que ele oferece pretendemos desenvolver projetos e envolver alunos/as graduandos/as na busca por fontes que propiciem mais indícios do passado educacional de Bananeiras. Nosso intuito está em elaborar e despertar o desejo de inúmeros trabalhos, ampliando a pesquisa na área de História das Instituições Escolares e Educação Patrimonial de Bananeiras.

As fontes: a escrita e a angústia do historiador

As fontes históricas se constituem como a matéria prima do historiador: relatos, documentos e vestígios que narram um passado e o fazem conhecido e memorado. Estes indícios conduzem o leitor pelos becos, meandros e interstícios de uma história ainda a ser produzida, relatada e “descoberta”⁴. Este é, em linhas gerais, o papel do historiador: de produzir uma narrativa – nada ficcional – do que aconteceu. Mas é por meio das fontes históricas que esta narrativa ganha vida e legitimidade.

Fruto de um anseio de comprovação, interpretação e/ou compreensão do passado, as fontes surgem como grandes achados, que dão contornos substanciais à escrita do historiador. Para exemplificar esta sensação de (re)encontro, (re)descoberta, produção e reescrita da história, trazemos ao leitor o livro de Stephen Greenblatt (2009), “A virada: o nascimento do mundo moderno”. O livro relata a história de Poggio Bracciolini, um caçador de livros italiano, que ao descobrir o poema de Lucrécio – “Da natureza”, em 1417, dá novos ensejos sobre a compreensão moderna de mundo; desde a matéria de que é composta o universo (átomos), à evolução das espécies e à inexistência de um plano superior/divino. Foi

⁴ Mencionamos descoberta no sentido de apresentada ao leitor, fazendo-se conhecida por ele. Toda narrativa histórica é fruto de uma descoberta, de um vestígio de passado que permite a produção de discursos/versões sobre ele.

perseguindo fontes e indagando os discursos legitimados como verdadeiros pelo cristianismo que Bracciolini sai em constantes expedições pelos mosteiros, a procura de obras proibidas, de fontes escondidas. Neste contexto, dar-se a grande “descoberta”: o encontro com o texto do epicurista Lucrécio, que segundo o autor “[...] me deu a impressão de ser um relato impressionantemente convincente de como as coisas realmente são” (GREENBLATT, 2009, p. 8). Esta fonte deu início à construção de novos discursos renascentistas sobre a criação do mundo e do homem. Ela também traduz simbolicamente, neste artigo, a importância das fontes históricas para a produção/escrita da História.

Trabalhando com diversas temporalidades, diferentes espaços geográficos e algumas histórias cruzadas, “A virada” desemboca em um “conto” do passado, tomado por um rigor acadêmico e pelas premissas do novo historicismo. Surgido no final da década de 1970, o novo historicismo constituiu-se em um conjunto de práticas teóricas e interpretativas que acabaram por compor um novo modo de fazer crítica literária, e desta forma de também fazer história. Para Grenblatt (1991),

o novo historicismo se distingue do historicismo tradicional por assumir que a intervenção individual no processo histórico é inevitável e que a crítica não pode suspender juízos de valor, nem deve abordar o passado com um espírito de veneração.

Mas para além de refletir o conteúdo dos documentos, nosso objetivo era seu mapeamento, levantamento, coleta e digitalização, sem perder de vista que as fontes eram objetos culturais próprios de uma época. Por isso, elas “[...] têm uma ressonância, isto é, um poder de evocar as forças culturais de onde elas emergiram. *Elas* também têm o poder de encantar, de transmitir um sentimento arrebatador de singularidade” (GREENBLATT, 1991, p. 7). A ressonância se refere, para Greenblatt (apud GONÇALVES, 2005, p. 19), ao

[...] poder de um objeto exposto atingir um universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais, o poder de evocar no expectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o expectador, o representante.

Era o nosso desejo propiciar estes diversos encontros com os documentos e testemunhar as diversas possibilidades de escrita que eles apontam. Tematizar a história da educação de uma cidade do interior da Paraíba, que é rica por sua história, poderia ser vislumbrada por diversos olhares e pesquisas. Foi imbuído desse sentimento que tivemos a intenção de constituir um repositório digital que disponibilizasse os documentos históricos e que desse acesso aos pesquisadores para a produção de novas histórias e descobertas sobre a cidade de Bananeiras, nosso território de pesquisa. Tínhamos em vista que os Repositórios Digitais eram sítios eletrônicos que armazenavam conteúdos gratuitos a serem pesquisados, acessados, visualizados e reutilizados em diversas pesquisas.

Uma nova concepção de fonte: a história e a tecnologia

Com as novas tecnologias, o próprio conceito de fonte histórica passa a sofrer alterações. Cambiando entre as formas impressas e virtuais, as fontes históricas se vêem obrigadas a ampliar suas concepções, passando a considerar a era digital como espaço promotor de história e eventos. A memória passa a ser, assim, automatizada por *softwares* e *hardwares* que recodificam a própria noção de tempo.

Estes instrumentos de pesquisa, que partem desde recursos *online* à aplicativos que podem ser instalados, oferecem ao pesquisador inúmeros meios que facilitam o ato da pesquisa, do manuseio e da armazenagem. As fontes documentais, neste contexto, passam a ganhar novas configurações e nomenclaturas: *bits*, dados digitais, fontes virtuais, entre outras, que, quando utilizados de forma mais prática, ampliam o leque de opções e de acesso do pesquisador às fontes históricas.

Forte aliada no fazer pesquisa e, agora no escrever da história, a TIC é um rico instrumento metodológico que encurta as distâncias entre o pesquisador e suas fontes. Segundo Bonato,

No campo de pesquisa em história da educação, [...] as facilidades e inovações tecnológicas que nos são oferecidas ampliam cada vez mais as nossas possibilidades de pesquisas no uso das fontes documentais, pois colocam ao alcance novos suportes e equipamentos capazes de registrar, armazenar, guardar e recuperar as informações, assim como instrumentos para coleta, organização e análise das mesmas, de forma substancial e cada vez mais diversificada. (BONATO, 2004, p. 86).

Neste âmbito, a constituição de um repositório digital torna acessível aos pesquisadores da educação jornais, documentos e demais impressos de época. No livro “Arquivos, fontes e novas tecnologias – questões para a história da educação” (FARIA FILHO, 2000) tivemos acesso a diversas experiências de criação de repositórios digitais que partiam de um ponto em comum: a discussão sobre os desafios que permeavam a iniciativa de digitalização de uma documentação histórica. As políticas de guarda, descarte, acesso, financiamento e estabelecimento de protocolos reguladores são, dentre tantos outros aspectos, abordados neste livro. Estas questões incidem diretamente em torno da preservação do patrimônio documental e da sua disponibilização e acesso.

Argumentando ainda sobre estas questões, Bonato (2004, p. 89) propõe um triálogo entre as áreas da história da educação, da arquivologia e da informática, visando ser necessário que

[...] o historiador da educação esteja disposto a apreender os princípios da arquivologia e se coloque o desafio de compreender as novas tecnologias e de reavaliar os supostos do seu campo de atuação, e que o arquivista e o informata profissionais sensíveis às questões da preservação da memória estejam dispostos a reavaliar suas práticas de trabalho, se aproximando dos interesses da produção científica, especificamente da pesquisa histórico-educacional.

Seria por meio desse triálogo que se viabilizaria a produção de instrumentos de pesquisas, com índices auxiliares que apontassem para as zonas de interesse do pesquisador da educação. Mas vale ressaltar que isto é fruto de um processo gradual, “são atividades caras e lentas, que envolvem um trabalho meticuloso dos técnicos” (BONATO, 2004, p. 90), além de associar sujeitos de áreas distintas. Questões como a classifica-

ção e a catalogação também implicam em conhecimentos próprios da área de biblioteconomia que dificultam ainda mais a criação dos repositórios.

Vidal (2002, p. 55) discute como surge a necessidade de transformar o impresso em digital, quando descreve que

Projeções escatológicas, como a prosa fantástica de Cortázar, previam para o futuro a impossibilidade física de preservação da massa de impressos gestada pelas sociedades modernas. Nessa cena, alavancadas pelos avanços das novas tecnologias, como o surgimento dos scanners e dos programas de leitura e deciframento de textos-imagens (OCR – *optical character recognition*), ganharam corpo, nos últimos 20 anos, propostas de substituição do impresso pelo digital, como forma de conservar o conjunto das informações produzidas.

Nesta perspectiva, a autora indaga a política do descarte e da preservação, quando anuncia que a obra original muitas vezes era descartada pela existência de sua versão digital. Tal iniciativa esvazia o espaço físico das bibliotecas, impossibilitando que encontros com os livros e com tudo o que eles proporcionam sejam despertados (desde os estímulos visuais – como a página amarelada; sonoros – o som da folha ao ser lida e passada; aos olfativos – as diversas sensações que o cheiro dos livros novos e antigos despertam). Ao lançar mão desta reflexão, a autora defende a postura do saudável convívio entre o que é digital e o que é impresso, propondo a “constituição de instituições híbridas de guarda e difusão do saber” (VIDAL, 2002, p. 56), que servirão de espaços de inclusão e acesso ao conhecimento.

Sobre a fragilidade do suporte digital, a autora destaca a preocupação quanto a durabilidade da informação depositada em hardwares e softwares e as condições dos equipamentos leitores. Quanto ao documento impresso (seja livro ou outra fonte histórica) ela chama atenção para um fator interessante, se o impresso sugere uma postura crítica do leitor, sua versão digital exigiria ainda mais:

[...] para além da formação de leitores críticos, municiados de questionamentos sobre a credibilidade das páginas e das informações que veiculam, atentos para recriar o contexto dos dados,

inclusive valendo-se de outras fontes não digitais e interrogando-se sobre texto, imagens e sons associados, que examinem as páginas sob o ponto de vista da crítica documental; sejam preparados hiperleitores, hábeis na crítica ao digital enquanto discurso. Estes últimos não se contentariam em problematizar a informação, o conteúdo, difundido, mas debruçar-se-iam sobre a forma de veiculação, buscando compreender a maneira como os links conformam a leitura e a compreensão de um determinado material, ao estabelecer conexões entre páginas e informações diversas, recriando associações, comparações e significados. (VIDAL, 2002, p. 57).

Também nesta direção, Werle (2002) denota mais especificamente o arquivo escolar e a natureza do documento. A autora discute a presença das TIC no registro das ações da escola e a tessitura do novo formato de documento escolar. Em cada época existia uma tecnologia própria de feitura de um documento. Desta forma, as tecnologias perpassam o tempo tanto quanto a história. Seu texto nos fez pensar sobre as estratégias de levantamento e digitalização do arquivo do Grupo Escolar Xavier Júnior, sobre o qual nos debruçamos e falaremos a seguir. Esta escola é o primeiro grupo escolar da cidade de Bananeiras, sendo fundado em 1934. Como o grupo ainda se encontra em funcionamento, suas formas de registro de notas e frequências também deve ter se modificado, digitalizado.

Não só a natureza e o arquivo passam a ser concebidos de formas distintas, mas o próprio relacionamento entre pais e escola também passa a ser ressignificado. Segundo a autora, com a existência deste ambiente virtual para tratar às questões do cotidiano escolar a interação entre os sujeitos que vivem este processo passa a ser impessoal. Apesar da existência de ambientes personalizados na rede, do encurtamento das distâncias, de uma maior noção de inclusão digital, por meio da conectividade, é um traço marcante das TIC a impessoalidade. Pensando sobre isto, Werle traduz bem as implicações da inserção destas tecnologias no cotidiano e nas novas relações que se dão na escola.

Para além dos suportes tecnológicos que se alteraram, modificaram-se as identidades e os papéis do diretor, do professor e do pai, as relações entre a escola e os pais e a própria identidade da instituição escolar. Alteram-se, a partir das modificações tecnológicas, as noções de documento, arquivos, os conceitos de pre-

servação e a empiria com que o pesquisador de história da educação maneja. [...]Não apenas o ofício do historiador da educação será afetado...É possível que cada vez mais o pesquisador de história das instituições educativas tenha que se deparar com documentos de diferentes formatos, tanto documentos de papel, como documentos legíveis em máquinas. Estas características dos documentos exigirão que o pesquisador manuseie documentos em bancos de dados, o que altera sua relação com o documento e as competências que deverá desenvolver. (WERLE, 2002, p. 93).

Seu texto também nos levou diretamente a refletir sobre o tempo presente, quando um dia nossas gerações de sujeitos escolares serão estudadas por pesquisadores futuros, que terão que recorrer aos bancos de dados das escolas (quando salvos) para obter informações sobre a cultura e o contexto escolar de cada aluno. Como ter acesso a esta nova condição de fontes? As tecnologias não só alteraram a forma de registro dos dados escolares, mas implicam em transformações significativas no ato da pesquisa e na produção do conhecimento histórico-educacional.

Buscando e mapeando as fontes

Para compor o acervo digital do repositório partimos em busca das fontes impressas. Inicialmente fizemos uma visita à Secretaria de Educação do município de Bananeiras para sondagem dos possíveis locais e arquivos a serem pesquisados na localidade. Nos foram indicados: 1) o Espaço Cultural Oscar de Castro, onde está localizada a Secretaria de Cultura Isabel Burity; 2) a Biblioteca Municipal⁵; e 3) o Memorial do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros. Destes espaços visitados foram encontradas e digitalizadas fontes apenas da Secretaria de Cultura Isabel Burity. Resolvemos abrir mão dos arquivos do Memorial do CAVN, por possuir um acervo extenso que demandaria anos e mais anos de trabalho para a sua digitalização. Nosso projeto se constituiu apenas com um bolsista, e no curto espaço não teríamos como dar conta de tal desafio.

⁵ Na Biblioteca Municipal só foram encontrados livros clássicos e compêndios. Materiais que não poderíamos digitalizar porque extrapolavam nosso marco temporal.

Ainda em Bananeiras visitamos o Grupo Escolar Xavier Júnior. Neste espaço tivemos o contato com o arquivo da escola, em sua grande maioria documentos das décadas de 1960 e 1970. As fontes referentes à inauguração do grupo, e que se localizam no nosso espaço temporal, foram extraviadas na última reforma pela qual passou a instituição. Só conseguimos ter acesso às atas de inauguração do grupo, de reuniões da cooperativa escolar e do “Sporte Clube” da escola. Todo este acervo foi digitalizado e disposto no repositório digital criado pelo projeto.

Em Campina Grande, visitamos o acervo existente na Biblioteca Atila Almeida (pertencente à Universidade Estadual da Paraíba) e o acervo do Museu Municipal (agora localizado no Museu Vivo Assis Chateaubriand). Nestes espaços encontramos todos os jornais e revistas digitalizados. Para uma melhor visualização das fontes consultadas e digitalizadas elaboramos o quadro a seguir:

Quadro 3 – Fontes Consultadas e Disponibilizadas no Repositório. Fonte: Quadro produzido pela autora, 2016.

Fontes		
Anuários e recenseamento do Brasil	Anuários Estatísticos da Paraíba (1930, 1931 e 1932) e Recenseamento do Brasil (1920 e 1940)	Não foram digitalizados por nós, mas se encontram disponíveis para acesso no nosso repositório
Jornais	Jornal O Mirante (1892); Jornal o Labor (1896); Jornal O Rebento (1899); Jornal O Lapis (1901); Cidade de Bananeiras (1908); Correio do Moreno (1927); Comércio de Campina (1932); Evolução Jornal (1934 e 1935); O Nego (1930); O 243 (1930); O Estudante (1940); Tribuna do Estudante (1951); Jornal do Estudante (1953); O Cometa (1954); Jornal O Disco Voador (1955); Jornal A Encrenca (1957 e 1958); Jornal O Renovador (1964)	Os cinco primeiros jornais citados foram gentilmente cedidos pela Fundação Joaquim Nabuco, em formato de microfilme. O Jornal O Renovador (1964) ainda está em fase de digitalização, sendo encontrado de setembro de 1964 a agosto de 1965. Os demais jornais foram digitalizados.

<p>Revistas</p>	<p><i>Revista Evolução</i> - 1932 (9 fascículos); <i>Educação e Trabalho</i> – 1947; <i>Revista Regional, Curimataú e Brejo em Revista Periódica</i> -1980/90; <i>Revista Ponto de Cem Réis</i> (1994); <i>Revista Era Nova</i> - 1922</p>	<p>A <i>Revista Ponto Cem Réis</i> foi encontrada apenas a capa. Já a <i>Revista Era Nova</i> teve sua primeira publicação realizada na cidade de Bananeiras e continua em processo de digitalização.</p>
<p>Livros de memórias</p>	<p>Reminiscências: capítulos da história do Patronato Agrícola (1994); Bananeiras: sua história, seus valores (1997); Reminiscência de Patronato a Colégio Agrícola: 80 anos (2004); História do Patronato ao Colégio Agrícola nos seus 90 anos (2014); Bananeiras: Apanhados Históricos (2007); 90 anos CAVN: em comemoração aos 90 anos de história do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros (1924-2014).</p>	<p>Todos os livros de memória são de autoria de Manoel Luiz da Silva. Uns foram adquiridos no Sebo e outros foram gentilmente emprestados pelo próprio autor. Este material foi apenas consultado e por uma questão de direitos autorais não pôde ser disponibilizado no site.</p>
<p>Arquivo do Grupo Escolar Xavier Júnior</p>	<p>1. Atas de inauguração (1934); 2. Atas de reorganização do Clube Agrícola (1942); 3. Atas de reunião da Cooperativa Padre Gabriel Toscano (1949); 4. Atas de reunião do Xavier Júnior Sporte Club; 5. Diários de Classe; 6. Listas de Exame; 7. Ficha Funcional e Portaria de Admissão; 8. Planta Baixa da Escola</p>	<p>A digitalização do acervo do Grupo ainda não foi totalmente concluída. Nosso projeto com o PIBIC se encerrou, mas o trabalho de pesquisa continuará por meio de trabalhos de conclusão de curso (TCC).</p>
<p>Acervo do Centro Cultural Isabel Burity</p>	<p>1. Ata de fundação do Patronato Agrícola; 2. Ata de descrição dos Monumentos; 3. Documentos da Secretária de Educação e Cultura; 4. Páginas da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros referente a Bananeiras; 5. Documento descritivo sobre o município de Borborema (pertencente no passado a Bananeiras)</p>	<p>O acervo do Centro não estava catalogado e poucas documentações apresentam datação. Muito ainda existe para ser levantado, livros e compêndios de época também foram encontrados.</p>

Escola de Educação Infantil "O Grãozinho"	Regimento - 1986	-
---	------------------	---

Tínhamos como meta visitar outros acervos na cidade de João Pessoa, mas infelizmente, até o término do projeto não conseguimos realizar tal atividade. Ainda no final do projeto soubemos da existência de um acervo particular de Manoel Luiz da Silva, onde agora nos dedicamos na segunda versão do projeto PIBIC (2016/2017).

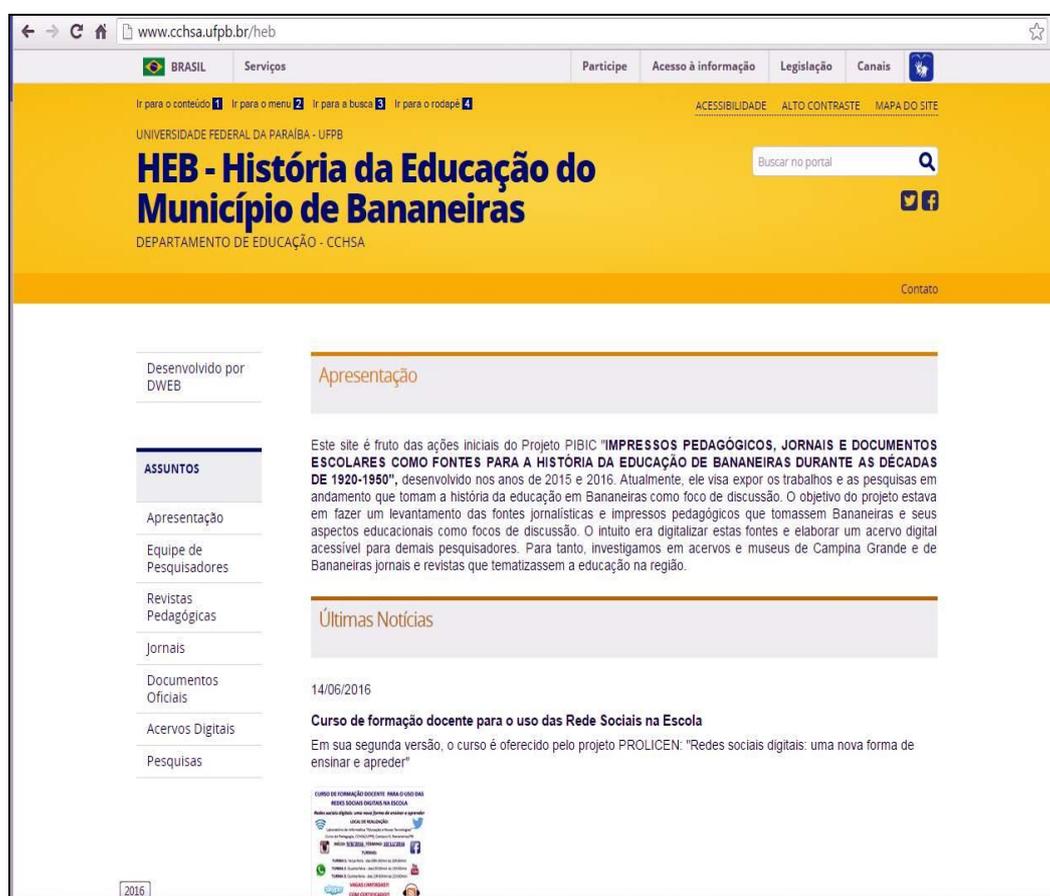
“HEB”, um repositório digital

Nosso trabalho, como já apontamos, gestou a página da HEB – História da Educação de Bananeiras – um repositório digital situado numa página institucional diretamente ligada a Universidade Federal da Paraíba. A proposta da HEB é de sensibilizar pesquisadores, estudantes e também habitantes de Bananeiras em torno de uma cultura de preservação do que é histórico e educacional. Seu objetivo também cerca a possibilidade de disponibilizar aos estudiosos da área fontes históricas de maneira mais acessível, despertando o desejo e a realização de pesquisas sobre as temáticas educacionais que cercam Bananeiras e as cidades circunvizinhas.

Nosso intuito era diminuir as distâncias entre o pesquisador e sua fonte. Mas o contato com o documento impresso e com o lugar onde ele está sediado é imprescindível. Estando ou não organizado a ida ao arquivo, o encontro com o documento físico, produz no pesquisador estímulos diversos e indescritíveis, revestindo-o da postura detetivesca que tanto fala Carlo Ginzburg em seus estudos sobre o paradigma indiciário. Associar a consulta dos arquivos à navegação por um acervo digital pode se revelar numa rica estratégia de pesquisa. Como aponta Vidal,

Mais do que negar a neutralidade do artefato eletrônico, e discutir sobre seu bom ou mau emprego, o que se coloca em pauta é perceber o digital como uma nova materialidade que acarreta mudanças no corpo, nas relações pessoais, temporais e espaciais, e nos modos de ler e produzir significados (ainda tendo a certeza de que não podemos antecipar todas as repercussões futuras de seu uso). E compreender que a existência das novas tecnologias não determina que antigos procedimentos sejam abandonados. Organização, catalogação, descarte são operações necessárias até mesmo para a indexação de informações no meio digital. (VIDAL, 2002, p. 61).

Figura 1 – Tela principal do HEB. Fonte: www.cchsa.ufpb.br/heb.



Em visita ao STI – Superintendência de Tecnologia da Informação da UFPB, gestamos o site⁶ da HEB. Algumas limitações nos são impostas,

⁶ O site é pensando diretamente com um funcionário do STI. Quem nos auxiliou nesta construção foi Daniel Araújo.

como o *design* padrão, já existente no sistema, e a administração do mesmo⁷. As abas dispostas no “Menu” são abertas pelo funcionário do STI como também toda a configuração e a execução das ferramentas são orquestradas por ele. Para o administrador resta apenas a função de alimentar o site de informações.

A HEB traz em seu “Menu de assuntos” os seguintes eixos:

1. Apresentação: traz os objetivos iniciais do projeto e o contato virtual da página⁸.
2. Equipe de pesquisadores: neste item trazemos os orientandos de TCC, que estão desenvolvendo trabalhos na área de História da Educação.
3. Revistas Pedagógicas e Jornais: nestas abas direcionamos o navegante as revistas consultadas.
4. Documentos Oficiais⁹: neste item trazemos os documentos do Arquivo do Grupo Xavier Júnior¹⁰, da Secretaria Cultural Isabel Burity e do Colégio Estadual de Solânea.

⁷ A área de Gerência de Desenvolvimento de Sites justifica esta ação, quando aponta: “ao criarmos websites, portais baseados em um dos mais confiáveis Content Management System (CMS) disponíveis hoje no mundo (PLONE), temos como foco principal não a tecnologia, mas o usuário. Por isso, a Gerência de Desenvolvimento de Sites (GWEB) planeja com cuidado os ambientes web de nossos centros, departamentos, coordenações, laboratórios, comitês, secretarias e agências de modo a estreitar ao máximo a relação com os ambientes digitais, privilegiando o acesso rápido, fácil e seguro à informação, beneficiando assim toda a Universidade Federal da Paraíba (UFPB)”. Disponível em: <http://security.ufpb.br/gweb>. Acesso em 26 ago. 2016.

⁸ Um e-mail foi criado, HEBcchsa@hotmail.com. Nossa escolha pelo hotmail como servidor se deu pelo acesso ao OneDrive. Em caso de arquivos muito pesados, como os Anuários Estatísticos, foi preciso dispor da nuvem, uma vez que no site a um limite de tamanho dos arquivos postados.

⁹ “Documento oficial denota informação registrada que é apreendida como uma entidade física e cujos atributos nos ajudam a fornecer a prova autêntica e contemporânea de uma operação ou transação” (DOLLAR, 1994 apud WERLE, 2002, p. 83).

¹⁰ “Todo o documento de arquivo é produzido em cumprimento a uma fase do processo decisório e visa proporcionar o desencadeamento das operações que se convertem em atos/fatos administrativos... A finalidade principal dos documentos em fase corrente é informar, legalizar e corroborar, passo a passo das rotinas administrativas a sistemática de tomada de decisões. Cada item documental encerra em si a memória de um ato/fato administrativo” (SILVINO FILHO, 1995 apud WERLE, 2002, p. 79).

5. Acervos Digitais: este espaço direciona o visitante a navegar em outros acervos digitais disponíveis na rede.

6. Pesquisas: aqui trazemos alguns trabalhos acadêmicos que tomam Bananeiras como temática de discussão.

A escolha destes eixos temáticos partiu do encontro com as fontes. À medida que fomos encontrando documentos de diversas especificações, fomos criando subpastas. A temporalidade passou, de certa forma, a ser desconsiderada, uma vez que não encontramos em larga escala fontes que subsidiassem nossa demarcação temporal de pesquisa. Outras limitações ainda são apresentadas pelo site, como a não abertura de outras abas para o acesso de muitas imagens internas ao mesmo tempo. O site ainda disponibiliza uma área de informações, nomeada de “Últimas notícias”. Neste espaço deixamos informações sobre eventos, palestras e demais avisos e novidades sobre a temática. Nesta disposição de conteúdos, a HEB é significativamente feita de imagens, que aparecem em forma de álbum.

Trabalhar com imagens se torna uma operação difícil, uma vez que o jornal/revista a ser digitalizado pode estar em condições precárias, estando danificado pela ação do tempo. Programas como o que utilizamos – o Photoshop – podem auxiliar na recuperação da imagem, mas dependem claramente da forma como ela foi capturada. A iluminação do lugar, o estado das fontes e o equipamento utilizado incidem diretamente na qualidade da imagem que será disponibilizada no repositório.

De maneira ainda muito artesanal digitalizamos os jornais, revistas e demais fontes que tivemos acesso, transformando estes documentos em imagens formato “Jpeg”, que em *bits* serão visualizadas em *pixels*¹¹ (WERLE, 2002). No item descrição, trazemos uma breve contextualização que aponta a natureza do documento, a instituição onde ele fora encontrado e sua datação.

¹¹ Werle (2002, p. 78), ao citar outros autores, traz as concepções de *bytes* e *pixels*, quando os descreve: 1. bytes: “Um bit não tem cor, tamanho ou peso e é capaz de viajar à velocidade da luz. Ele é o menor elemento atômico do DNA da informação”; Já os pixels, são “imagens digitais constituídas, nas telas dos computadores, por pixels (Picture element), pontos que, juntos, formam uma imagem; um pixel é um ponto iluminado na tela”.

Nessa direção, as novas tecnologias têm muito a contribuir. Ao disponibilizar, via internet, o acesso as fontes, pesquisadores de diferentes localidades poderão ter informações sobre o documento, a instituição onde ele foi produzido, sua datação e também onde ele pode ser encontrado em seus arquivos originais. Na área da história da educação experiências como estas tem sido cada dia mais comuns, muitas delas frutos das próprias ações do HISTEDBR, grupo ao qual estão vinculadas as ações de nosso trabalho.

A constituição de um banco de imagens, como assim também podemos caracterizar a HEB, poderá auxiliar na preservação do arquivo original, é o que esperamos ter feito com o arquivo escolar do Grupo Xavier Júnior, que teve em uma reforma parte de seu arquivo deteriorado. Mas estamos atentos ao que aponta Vidal (2002, p. 61) que,

[...] de nada os recursos tecnológicos adiantam se a prática de avaliação, descarte e classificação de documentos e organização de arquivos não for disseminada e repensada em termos das necessidades atuais de investigação nas várias áreas, a partir de equipes interdisciplinares que concebam o documento como vestígio da atividade humana, nas suas múltiplas possibilidades, e não apenas pelo seu valor comprobatório.

Para além da criação de um repositório digital é preciso se pensar em estratégias que resguardem a segurança dos arquivos originais, ações que só poderão ser realizadas mediante a elaboração de uma política de valorização do documento como fonte da história e da memória de um determinado lugar.

Acreditamos ser necessário revisitar o projeto e ampliar seus objetivos, agregando a imagens, fotografias de época, vídeos e áudios com entrevistas, também relacionadas à história do campus III. Para tanto, as fases de levantamento e de mapeamento destas documentações precisam prosseguir em desenvolvimento, principalmente no que se refere às informações educacionais referentes à cidade de Bananeiras, dados que coletamos ainda “superficialmente” em nosso projeto. É necessário constituir um grupo de pesquisadores que busque, investigue e colete fontes nos acervos pessoais de alguns habitantes e memorialistas da cidade, pa-

ra dar encaminhamento e continuidade às digitalizações de novas fontes. O nosso anseio em encontrá-las ainda continua...

Referências

- BONATO, N. M. C. O uso das fontes documentais na Pesquisa em História da Educação e as Novas Tecnologias. *Revista do Arquivo Nacional*. v. 17, nº 2, p. 85-110, 2004.
- FARIA FILHO, L. (org.). *Arquivos, fontes e novas tecnologias*. Questões para a história da educação. Campinas: Autores Associados, 2000.
- GREENBLATT, S. *A virada: o nascimento do mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. O novo historicismo: ressonância e encantamento. *Revista Estudos Históricos*. v. 4, n. 8, p. 1-18, 1991.
- GONÇALVES, J. R. S. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. *Horizontes Antropológicos*, ano 11, n. 23, p. 15-36, 2005.
- MELLO, J. B. *Evolução do Ensino na Paraíba*. 3. ed. Conselho Estadual de Educação – SEC, 1996.
- SAVIANI, D. Apresentação. In: LOMBARDI, J. C.; NASCIMENTO, M. I. M. (org.). *Fontes, história e historiografia da educação*. Campinas: Autores Associados, 2004, p. XIII-XXIV.
- SILVA, M. L. *Bananeiras*. Sua história, seus valores. Bananeiras: 1997.
- _____. *Reminiscências*. Capítulos da História do Patronato Agrícola. Bananeiras: 1994.
- _____. *História do Patronato ao Colégio Agrícola nos seus 90 anos*. Bananeiras: 2014.
- VIDAL, D. G. O livro e a biblioteca, o documento e o arquivo na era digital. *História da Educação*, v. 6, n. 11, p. 1-11, 2002.
- WERLE, F. O. C. *Documentos escolares: impactos das novas tecnologias*. *História da Educação*, v. 6, n. 11, p. 1-20, 2002.

Recebido em 30 de janeiro de 2017.
Aprovado em 09 de março de 2017.